

# A ILLUSTRACÃO

## LUSO-BRAZILEIRA.



### REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

### Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 35000 rs. — Semestre 15000 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 35 — SABBADO, 30 DE AGOSTO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

### SUMARIO.

As minhas calças (conclusão) — O Castigo do Senhor (continuação) Impressões de viagem (continuação) — Ilha Terceira — Baterias fluctuantes — Excelmans — Vem-te embora — Pobre Luiza (continuação) — Bemfica — Constancia de Jesuita — Soult — Paço da Bemposta — Chronica.

GRAVURAS — Soult — Ilha Terceira — Bateria fluctuante — Paço da Bemposta — Vem-te embora — Excelmans.

### AS MINHAS CALÇAS!

(MANUSCRITO ENCONTRADO EM UMA TRAPEIRA.)

Conclusão.

### QUARTA BORRASCÁ.

— Nunca mais servireis, negregadas calças; com vósco não ha felicidade possível! E com que prazer eu as vesti, pela primeira vez, crente no amor de Eulalia; porém o resultado?... Foi entrar pela porta e sair pela janela? Segunda vez que as enverguei, fui caçoado, e ainda em cima lá se foram as economias de um anno pelas guelgas de tolineiros e gulosos! À terceira cobriram-me de ridiculo. Esta ultima borrasca foi peor do que as precedentes; mas enfim a historia ficou entre mim e o major Barros, e como eu vou viajar, d'aqui a pouco nem a propria Amelia se lembrará de tal. — Fiquem-se ahí, em inactividade, calças fataes... Eu vos lanço a minha maldição!

Este precioso soliloquio acompanhava a operação de me vestir, por volta das duas horas da tarde, para ir *lanchar* com o Guedes, no hotel da chorada ceia. As quatro horas deviamos partir para o campo de Sant'Anna, em cuja praça havia uma corrida extraordinaria de toiros. Gado de Rafael José da Cunha, dois cavalleiros, o Cuchares e a sua quadrilha de bandarilheiros... Que pechinxa! Quem é que podia faltar a tal espectáculo?

Era no principio de abril. A calça preta já tivera o preciso tempo para enxugar, e combinada agora com uma sobrecasaca da mesma cor e um collete claro, dava-me um certo ar *distingué*, o que nunca a outra conseguira com as suas listas roxas em campo verde! Assim ataviado, despedi-me da Joanna, e aprociei ao Chiado.

Só esperavam por mim para começar a refeição. Os comensaes eram, além do amphitryão, os amigos Sepulveda e Ernesto. Este, pareceu-me ignorar o resultado do namoro com a priminha. O homem da rua de S. Bento tivera palavra.

O *lanche* foi servido com profusão. Iguarias variadas e appetitosas, optimos vinhos, café, *cognac*, e excellentes charutos de Manilha e Havana, tudo foi saboreado e applaudido pelos alegres convivas, até que, repetidas girandolas de foguetes, nos avisaram de que era tempo de largar a mesa, e subir á carruagem do Guedes. — aquella mesma carruagem que me trouxe de S. Carlos, em companhia do querido *dominó rose!*

Successivamente, e a salvamento, Sepulveda, Guedes e Ernesto tomaram os seus logares nas almofadas do *trem*, mas não me estava reservada a mesma sorte. A lingueta da portinhola prendeu na algibeira da minha pantalona, já usada e de panno fino, e quando fui a subir rasgou-lhe uma das pernas até ao joelho.

— Se fossem as outras... Mas estas.... Serão todas!... Lembravam-me as calças malditas.

Porém o Guedes não me deixou continuar tão tristes reflexões.

— Vamos a tua casa, disse elle, irás vestir outra calça, já que o não podes fazer aqui, pela differença que ha das tuas ás minhas pernas. Cocheiro, para a Cotovia.

E o *caleche* rodou velozmente na direcção indicada, e parou á minha porta.

Subimos ao quinto andar.

Que differença entre o quarto do Guedes no hotel do Chiado, e os meus aposentos da Cotovia!



Soult.

— Joanna, dê-me umas calças.

— Promptamente, respondeu Joanna; e n'um abrir e fechar d'olhos estava ao pé de mim com a pantalona verde e roxa.

— Isso é teima, Joanna; pois não lhe disse já que nem quero ver essas calças?

— É por causa da mistificação? perguntou Guedes, sorrindo.

— Não; é que lhe lembra o prego da ceia, acodiu Sepulveda.

E Joanna, silenciosa, piscava os olhos significativamente. Compreendi aquella mimica; só me restavam calças brancas em casa.

Moiro que o não podes haver, dá-o pelo amor de Deus.

— Venham as calças, disse eu, fazendo das fraquezas

forças; quero mostrar-lhes que não tenho preconceitos.

E vesti as fataes calças, peiores do que a tunica de Dejanira!

Cara alegre... e vamos para os toiros.

Quando chegámos, faziam os cavalleiros as cortesias do estylo.

Fomos para defronte do curro. O nosso amigo Adriano, que estava no primeiro banco da trincheira, convidou-nos a gosar do espectáculo o mais de perto possível.

Instalámo-nos todos no primeiro banco.

Sentei-me por detraz de um pilar de pedra, crendo-me assim mais seguro.

Saiu o primeiro toiro.

— É velhaco! bradou o Adriano; fuge ao cavallo.

— Mette-lhe duas farpas, Cadete, gritou o Ernesto.

— Larga a capa... larga a capa! clamou o Guedes, contra um bandarilheiro que se atravessava na frente do toiro.

E o capinha fugiu na direcção da nossa trincheira, perseguido de perto pelo boi. Pôde escapar-lhe galgando a trincheira falsa, porém o seu bicorneo adversario, que ainda pulava mais do que elle, transpoz o primeiro obstaculo, e veiu de um salto precipitar-se na segunda trincheira.

Em que logar?

Exactamente sobre mim, partindo o pilar que eu tinha procurado como defesa, e deixando-me estatalado sob o seu peso.

Todos correram pelos bancos acima, menos eu que não podia mexer-me.

Felizmente, o boi perdeu o equilibrio, e caiu na trincheira falsa.

E eu pude desembaraçar-me do pilar... sem nenhuma fractura!

Os amigos correram a mim

— Não estou para mais, lhes disse, acho-me divertido por hoje; vou-me embora.

E accrescentei em voz baixa: — Malditas calças!

— Isso é covardia, gritou logo o Sepulveda.

— Vejam esta *pega!* accrescentou o Adriano, que desprezava bagatellas, quando se tratava de um caso serio, como elle reputava uma boa *pega* de cara ou de cernelha.

Envergonhei-me, e fiquei na praça; mas subi para o terceiro banco.

D'ali a pouco veiu a canna de um foguete cair-me sobre o chapeo, e por pouco que o não arromba. Depois uma farpa saudida pelo toiro, veiu cravar-se na trincheira, ao meu lado...

Que mais podia succeder-me em uma tarde de toirada?

Emfim, acabou-se a corrida, com grande satisfação minha, e saimos na direcção do *Matta*, aonde concordamos ir jantar.

Tratei de afogar as magoas em vinho.

É o peor expediente que se pode adoptar em taes casos!

(\*) Quando o mysterioso autor escreveu estas memorias, ainda havia duas trincheiras na praça do campo de Sant'Anna, e não uma só, mas alta e solida, como hoje.



O jantar acabou ás dez horas da noite.

— Que se hade fazer agora? perguntou um.

— Vamos para a *espelunca*; hoje deve ser dia feliz! Feliz!... E eu com as calças da desdita!

Porém o vinho fez com que me deixasse arrastar para a casa de jogo.

Tinha recebido n'esse dia umas quantas libras, resultado da mais honesta negociação. Foram-se todas, uma apoz outra, ora a favor ora contra o rei... não ganhava nem com a monarchia nem com a republica. Virei-me para a *dama*... enganou-me! E o *duque* levou-me o resto.

Com as algibeiras limpas, dispunha-me a sair, quando um grande reboliço transtornou de repente a placidez da partida. Apagaram-se as luzes, e cada um fugiu em sua direcção, sem curar mesmo do chapeo, nem da bengala, e esquecendo até o dinheiro sobre o panno verde.

A casa fôra assaltada pela policia, e novas luzes tornaram a apparecer em breve. Só eu tinha ficado na sala, e não tardou que um beleguim me desse a voz de preso.

Obedeci automaticamente, e chegando á porta da rua encontrei-me entre duas fileiras de guardas-municipaes, acompanhado pelo meu amigo Guedes, e outros freguezes da casa e banqueiros, na frente de muito povo que acudira a presenciar aquella scena.

— O Sepulveda e o Ernesto safaram-se pelo saguão, me disse o Guedes, e eu fui preso quando ia a saltar tambem.

— Pois eu não me mexi d'onde estava, apesar de ser pratico n'essas evasões aerias; o vinho tinha-me entorpecido os movimentos... Malditas calças!

Com grande acompanhamento, fomos conduzidos ao quartel do Carmo. Ali demos os nomes (trocados já se vê) e mandaram-nos embora, com a condição de irmos lá no dia immediato.

Nenhum dos jogadores lá appareceu, creio eu, e o *Diário do Governo* trouxe uma lista de nomes suppostos, que eram apontados á execução publica.

Seriam já duas horas da noite, quando me puz a caminho para casa, resolvido a sair de Lisboa no primeiro paquete que partisse, quer para o norte, quer para o sul. Porém, ao acercar-me de casa fui assaltado por dois ladrões, armados de boas facas.

— O dinheiro que traz, deixe ver, me disse um d'elles, lançando-me a mão ás guelras.

— Acabo de o perder todo ao jogo.

— Sempre assim dizem estes ladrões! respondeu com infernal sorriso o meu interlocutor; vejamos como isso é; talvez o traga escondido nas botas.

E lançando-me no chão, descalçaram-me os botins, tiraram-me a sobrecasaca e o collete, e verificaram que só trazia o relajo, que merecesse a pena de ser roubado, porém não se contentaram com isso.

— Emfim, venha o *grilo*, a *macovia* e o *justilho*, já que não ha *parne*.

— Nem *chêta* o maldito traz!

— Se querem as calças? disse eu com humildade.

— Para que?... Tão coçadas como ellas estão, e de mais a mais de uma fazenda que dá tanto na vista pelas suas côres estramboticas.... O que você queria era comprometter-nos.

Nem um ladrão queria as minhas calças!... E a minha idéa era, não comprometter os, mas ver se lhes transmitia a desgraça annexa a ellas, em paga do bem que acabavam de fazer-me.

Os ladrões amarraram-me um lenço na bocca, de maneira que não pudesse fallar, e prenderam-me as mãos atrás das costas com toda a segurança. Depois desappareceram.

E eu caminhei para casa, frio e quasi asfiziado.

Uma patrulha municipal me encontrou; tirou-me a mordaca, é verdade; soltou-me as mãos, tambem é certo; porém conduziu-me para a estação mais proxima!

Disseram que era a ordem; que era preciso averiguar o caso!... E só de dia claro me largaram para ir a casa vestir-me, e regressar á estação.

Appareci lá tanto como no Carmo. E fui tratar do passaporte ao governo civil, visto que o vapor *Iberia* partia para Inglaterra.

Porém pozeram-me obstaculos á concessão do passaporte, e tive que adiar a viagem.... Se eu ainda levava vestidas as celebres pantalonas!

Mas foi a ultima vez.

No dia seguinte disse á criada:— Queime essas calças... á minha vista.

N'esse momento entrava o gallego com um barril de agua.

— É melhor dal-as ao Romão, respondeu Joanna, com o sestro de nunca fazer o que eu lhe mandasse.

— Dê-as ao diabo, se quizer, comtanto que não fique em casa, nem mais um momento.

— Que scisma de homem! murmurou a senhora Joanna, toma lá, Romão, este bom par de calças.

Estava, finalmente, livre d'aquelle pesadello!

#### EPILOGO.

Quinze dias depois d'estes acontecimentos, fui passar a noite a uma casa na *Cruz dos quatro caminhos*. Já muito tarde, recolhia eu para a trapeira da Cotovia, quando ao passar pelo largo da Graça vi as labaredas de um grande incendio, e o susurro do povo e tropa apinhados em roda das chammas.

Abri caminho com difficuldade por entre aquelle ajuntamento ruidoso, e, quando já estava longe do maior tumulto, ouvi gritos dolorosos de pessoa que agonizava, e outra pequena reunião á porta de uma casa terrea na calçada da Graça. Aproximei-me, e indaguei a origem d'aquelles lamentos, que já de longe escutara, e que percebia agora sairem da dita casa.

Disseram-me que era um desgraçado, que caíra do topo da casa incendiada, d'involta com pedaços de pedra e calça, e que para ali tinha sido conduzido, com o corpo feito em pedaços, e sem esperanza de salvação.

A custo pude entrar na barraca, e vi o desgraçado... Que horrivel espectáculo!...

Acerquei-me mais do leito do infeliz, que se havia calado, e parecia acabar de soffrer e de existir... As suas feições estavam inteiramente desfiguradas!...

Porém que enxerguei eu no meio d'aquelle mar de sangue!... As *minhas calças*... as fataes calças verdes com listas roxas, envergadas nas pernas do cadaver!...

Fôra o meu aguadeiro Romão, que morrera tão desastrosamente... Por causa das minhas calças, talvez!....

Vou despedir a Joanna, pôr escriptos na trapeira, e fugir de Lisboa, com passaporte ou sem elle.

Assim terminava o manuscrito, que fielmente trasladámos. Talvez que o leitor não gostasse, e se queixe de nós, por havermos roubado á obscuridade da carvoeira esta obrinha, que nos pareceu digna de ver a luz da imprensa. Se assim é, só nos resta pedir perdão da lembrança, já que é impossivel remediar-se o mal.

Julho 31, 1856.

F. M. BORDALO.

#### O CASTIGO DO SENHOR.

##### CONTÓ AO SERÃO.

Continuação

##### III

##### NOVA HONRA E NOVO CRIME.

O sol ardente do estio abrasava os caçadores antes de colherem o resultado do seu trabalho voluntario; o ardor immenso do dia pintava na imaginação as delicias ineffaveis d'uma sombra amena e fresca. Nos arredores do palacio de D. Ramiro não tinha Deus sido escasso em tornar bellas as campinas, e a comitiva que o acompanhava, e ainda mais D. Luiza quizeram buscar no mais fundo valle da floresta, e no sitio em que mais se fechava o arvoredo, o descanso a tantas fadigas, e ao importuno ardor do dia. Tinha passado duas horas depois que saíram do palacio, e já todos descansavam ás sombras magnificas do bosque fechado.

D. Ramiro, cavalleiro extremado de antiga e nobre linhagem, era um verdadeiro portuguez de antigas eras, pulava-lhe nas veias o sangue dos heroes que nos enobreceram, e só conhecia mais forte amor do que ao seu illustre brazão, talvez, o extremo amor por sua filha.

D. Carlos d'Athaide, que era tambem da companhia, chegara ha pouco ás margens do Tejo; mas, rico e bem-quisto da nobreza e do povo, alcançara em pouco o que debalde tantos outros solicitaram.

Era o prometido esposo da filha do cavalleiro.

— Era um negocio concluido, dizia o velho, porque D. Luiza não poderia ir nunca de encontro á vontade de seu pae, e por isso nem de tal queria D. Ramiro fallar; e como as correrias de certos salteadores de proximo infestavam os logares, era d'isso que fallavam.

— Não deveriamos, disse D. Ramiro, atrever-nos a penetrar tanto na floresta, que podem, o Castigo do Senhor ou alguns dos seus, dar-nos que fazer, e forçar-nos talvez a libertar o paiz d'esse flagello, mas arriscando nobres vidas que jámais devem jogar-se com infames de tal casta.

Não era D. Luiza muito receosa, mas como mulher e creança estremeceu ouvindo seu pae. Seria um presentimento? Não. D. Luiza era do parecer do velho, e muito desejava, disse ella, que o terrivel Castigo do Senhor soffresse a punição que lhe cumpria.

Este recear do futuro na moça illustre, e no cavalleiro antigo corria ao lado das saudades do passado que occupavam D. Carlos, que por certo devia ser funda a sua desdita porque assim fallava elle ao que seria em breve seu pae.

— Parecer-vos-ha estranho, disse elle, que ha vinte annos não venha a Portugal, e muito menos a estes logares em que nasci; e ainda mais que essa casa que me foi herço, e que se tornou o tumulo de meu pae, tenha permanecido isolada sempre, e que eu nada tenha querido saber d'ella. Sr. D. Ramiro, ha desgostos na vida do homem que lhe ordenam perder o tempo em loucuras, em baixezas, que sei eu?... em tudo, menos em lembrar-os.

— Tudo sei, meu caro filho, dizia D. Ramiro, com esse ar de bondade altiva e protectora que tanto se casa á soberba fidalga, e que tanto deteriora os nobres corações, que por lá vivem; eu sei tudo!... Nunca mais soubestes de vosso irmão?

— Soube que morreu. Bradou terminantemente D. Carlos como se o tivera apertado morto em seus braços.

D. Luiza parecia estranha ao que se passava, tanta era a sua curiosidade em olhar o lado da floresta por onde se espreguiçavam ainda os ultimos raios do sol nas folhagens dos arbustos e das arvores. Nos labios do velho cavalleiro ouviram-se, talvez como resposta ao seu amigo, as palavras — Foi justiça!

Era justamente quando D. Ramiro acreditava justa a morte prematura d'um irmão do seu amigo, que um dos convivas da caçada, ou antes do passeio, com o nome de caçada sómente por pretexto, se dirigia á unica senhora que abrihantava essa luzida mas limitada herda de cavalleiros.

— Deveis ter já descansado, senhora D. Luiza, dizia o nobre companheiro; as lebres fugiram todas ao saber que nós saíamos de casa; mas quando não queiram ellas honrar os nossos brios de caçadores, gosemos a frescura deleitosa da aragem do norte, que corre fagueira á despedida do sol.

— É justo, atalhou a fidalga do palacio da encosta, vamos abandonar estes logares.

E n'um volver rapido de seus formosos olhos encontrou os d'um pagem, ou o que quer que fosse que pelo signal affirmativo que a sua ama dirigiu, deu-lhe bem a conhecer que assentia á sua vontade.

— Ide, continuou ella, dirigindo-se ao pae, não é justo que por uns soffram os outros; não poderei dizer-vos, se o calor, se uma indisposição unicamente minha, se um capricho... quem sabe? o que posso jurar-vos é que só desejava tornar sem demora para o palacio. Lucio me acompanhará.

— N'esse caso iremos todos.

Não foi só D. Ramiro que o disse, foram os companheiros em tumulto.

— Eis exactamente, tornou D. Luiza, o contrario da minha vontade, e o meio de me obrigarem imprudentemente a correr as campinas e os valles, sem que tal me aprasa: tenho corrido estes campos mil vezes acompanhada pelo fiel Lucio, meu companheiro de tantos annos, e até de creança, e não vejo a razão porque não irei eu, como desejo, encerrar-me no meu quarto, e vós, como vos agrada, gyrar nas planicies.

D. Ramiro não amava as discussões: ou obedecer ou ser obedecido; não quiz lutar, e apoiando sua filha, ajudou-a a montar-se. Lucio montou igualmente, e á redea solta dirigiram-se para a sua habitação; os outros em breve abandonaram aquelle logar que apreciaram tanto algumas horas antes; mas quem tivesse ali permanecido espantar-se-hia ao ver voltar D. Luiza ao mesmo logar, acompanhada do seu fiel pagem.

— Esperar-vos-hei na volta do caminho, disse Lucio a sua ama, ajudando-a a desmontar-se.

— Sim, meu amigo, disse a dama, todavia espera um momento. D. Manuel só deixará de vir aqui se não souber da caçada, porque d'outro modo bem pode elle presumir que não faltaria eu ao logar do nosso amor.

Os olhos do pagem estavam voltados para o lado do poente, e atalhou os pensamentos misturados de esperanza e de receio de D. Luiza dizendo-lhe unicamente: — Eil-o. — De facto um vulto caminhava para aquelle lado; o coração da illustre dama bem conhecia pela sua agitação quem era o recém-chegado, e por isso se apresou em ordenar ao seu fiel amigo que na volta do caminho a esperasse. O pagem obedeceu.

Em poucos segundos as mãos que se apertavam, os braços que se enlaçavam, os corpos que se cingiam, os labios que se tocavam, e as almas que se identificavam pelo mais vehemente amor davam a D. Manuel, ou antes ao Castigo do Senhor, e a D. Luiza, o esplendido imaginar do ceo na terra.

— D. Manuel, bradou Luiza em lagrimas, desde o momento em que pela vez primeira te vi, que desejei ver-te sempre de novo, porque o meu coração m'o pedia incessantemente; hoje porém era o meu dever, e ninguém poderia reconhecer n'esta mulher, agora triste e chorosa, a altiva e nobre dama de ha apenas alguns instantes n'este mesmo logar.

Paulino, opprimido pelo que a sua entrevista, que devia ser de despedida, tinha de terrivel, mal podia articular uma palavra.

— E não erês tu, filha, que eu desejasse ver-te, que pudesse dizer-te: — vivamos reunidos para sempre?

— Sim, tornou ella, mas se eu te disse que o dever me trazia aqui, é força que me escutes. Teria hoje procurado fallar-te a todo o custo, teria mandado Lucio buscar-te atravez de todas as difficuldades, teria eu mesmo ido de dia, ou de noite, por entre perigos e desgraças, teria...

— Logo, que pode conspirar ainda contra nós? exclamou o Castigo do Senhor, duvidando que podessem novas desditas assaltar-o de novo.

— Meu pae quer casar-me.

— Meu Deus! E que tens tu decidido? dizia elle como em delirio, tantas eram as desgraças que o cercavam sem parar.

— D. Carlos, acrescentou Luiza, pediu a minha mão; é nobre, rico e honrado; é do agrado de meu pae, é força que o busques, que lhe contes os teus infortunios, que elle hade ceder á minha vontade e á tua, porque te amo como tu me amas, e tudo será terminado. Corre ao palacio de meu pae...



— Impossível! Bradou involuntariamente o desgraçado.

— Impossível? E porque? Disse Luiza.

— Ah, santos do ceo, que martyrio doloroso!

E Paulino ao pronunciar estas palavras estorcia os braços nas convulsões da mais phrenetica dôr; e ainda era um pallido reflexo do que se passava na sua alma. Depois continuava:

— Ah! Luiza, minha Luiza, se tu soubesses?!...

— Falla, falla, accrescentou ella, anciada pela duvida, por esse martyrio infernal em que o espirito se causa em busca do futuro que nunca pode achar; falla, que antes mil tormentos que o tempo pode apagal-os, antes obstaculos que o amor pode vencel-os, antes tudo; mas já-mais a duvida que é a peor das desgraças da terra. Posso julgar que me não amas.

— Não te amar, dizia o salteador ajoelhado diante d'ella, como se fôra um anjo aquella mulher; isso não podes tu crer nunca; ainda mesmo que eu t'o jurasse, Deus diria ao teu coração, é mentira! mas a desdita é implacavel. Eu... ai Luiza, Luiza...

— Acaba, mata-me, mas falla.

— Menti-te, enganai-te, exclamou elle, em grande brado; dei-te um nome que me não pertence.

E Luiza recuava espantada, horrorizada pela dôr intensa que começava a calar-lhe no espirito; mas elle continuava quasi sem a ver, sem attendel-a, fallando quasi sem pensamento, acabrunhado e fraco, vergando ao peso da sua magoa:

— Parta-se emfim a mascara da honra com que pude conquistar esse amor tão puro; perdoa-me porque te amei muito; porque te amo, porque nunca deixarei de te amar. Quando pula a energia e a força da vida na alma e no pensamento, pode avassallar-se a terra, mas hade o homem curvar-se á voz do coração. Se eu te houvera dito o meu nome terias fugido de mim com medo e terror; se o dissera a teu pae, podia arrastar-me ao cadafalso; e se elle podesse acreditar que sua filha me votara a sua alma, por mais que te ame... amaldiçoar-te-hia, Luiza...

— Ah! que dizes tu?

E a desditosa cobria o rosto com as mãos, e mal podia, debil como era, supportar tamanho peso.

— Que será de mim? Quem és tu?

— Oh! não; e Paulino sentia que a garganta lhe cerrara a voz; não posso.

— Por Deus, por mim, o teu nome?

— Paulino, o Castigo do Senhor!

E Luiza não pronunciou mais do que um d'esses gritos arrancados do intimo do peito, como por saudade de uma parte da alma que fugira: e caiu de joelhos. Tapava a fronte com as mãos, e apoiava-se ainda aos braços pendentes do seu impuro amante; e elle, de frente curvada sobre o peito, via, através d'um denso veo de pranto, cair-lhe duas lagrimas sobre os cabellos negros da victima infeliz do seu amor; parecia que uma vara de ferro o espezecara no solo. A vida abandonara por um pouco os desditosos, ou, matando as faculdades todas do espirito, deixara unicamente a mais acerba dôr, rainha orgulhosa das almas que o amor unira.

— O Castigo do Senhor! dizia ella erguendo os olhos ao ceo, que vergonha, meu pobre pae, que vergonha!

— Também tu me amaldiçoas?! Deus, Deus, vingarte-has como os homens?! Dize, mulher, amaldiçoas-me também?

— Não, não.

D. Luiza de pé parecia um archanjo do Senhor; a claridade dos ultimos raios do dia allumiava-lhe a fronte. Depois continuou:

— Acredita que, seja qual fôr o teu nome, não me diz o meu Deus que o condemne; nunca pode uma mulher lançar o seu despreso sobre a cabeça do pae do seu filho.

— Do seu filho!

— Sim.

— Mas que será de ti? Que deverei fazer?

— Fugir.

— Porém tu...

— A maternidade, disse a prometida esposa de D. Carlos, é um sacerdocio dado por Deus á mulher, é Deus que o hade defender. Parte. Salva-te.

— Senhora D. Luiza, bradou uma voz d'entre o arvoredo.

— Vae, continuou ella, foge; atravez de perigos, de miserias amar-te-hei sempre, mas foge; Deus velará por nós; vem gente, é D. Carlos.

E de feito D. Carlos saía d'entre a ramagem, e dirigia-se a D. Luiza, ao tempo que Paulino desaparecia pelo outro lado. Não pôde o chefe dos salteadores reprimir a força do seu amor e ficou proximo da mulher que amava, queria ver esse cavalleiro, e conhecer-lhe as intenções. Um pensamento mau passou-lhe pela mente, expelliu-o como se fôra um mau sonho, mas parou, suffocou a respiração, e escutou attentamente o que dizia o illustre senhor que chegara, á nobre mãe do seu filho.

— Vinde senhora minha, dizia o cavalleiro, abandonei a companhia e vim aqui, porque avistando Lucio a pouca distancia com dois cavallos pela redea, procurei-vos nas proximidades, e em verdade, illustre senhora, não posso comprehender o que deveria deter-vos!...

— Ah! cavalleiro, balbuciou ella, não é tempo de calar; o momento é opportuno, e como é inevitavel esta confissão agora a escutareis.

E Paulino como que impellido por uma força desconhecida era já bem proximo.

— D'egual a egual eu vos tratarei em franqueza de confissões, tornava D. Carlos; desde o momento que vosso pae determinou essa união, em que eu via a realisção dos sonhos da minha alma, conheci eu que tinheis como que uma nuvem sobre o rosto, percursora de uma tempestade que debalde eu pretendia conjurar. É a vossa e a minha sorte que Deus depoz em vossas mãos, fallae.

— Nunca poderei amar-vos, disse ella, com esse amor que faz a ventura de duas almas; sois um honrado gentil-homem, e é porque eu sou... quero ser... digna do meu nome... por uma nobre franqueza... ainda de crimes... que digo que vos considero como o mais honrado cavalleiro, mas que vos não amo.

— Todavia... interrompia o hospede de D. Ramiro.

— Amo outro, disse Luiza, um juramento é sagrado; ninguém melhor do que um cavalleiro comprehende a santidade de uma promessa, jurei-lhe que o amaria sempre; dizei — que devo eu fazer?

— Dictastes de tal arte o vosso dever, continuou o homem despresado, que me não daes o poder de avançar um passo unico. É funda a chaga que abristes no meu seio. Quizera morrer por vós, senhora, porque vos amo loucamente; e por vós morrerrei porque me deixaes só no mundo de que Deus levou meus paes e tudo que eu amava, e onde só poderia viver pelos laços do coração. Roubaes-m'os também, o soffrimento é minha sina.

No momento em que a voz de D. Carlos chegou aos ouvidos de Paulino, um tremor convulsivo lhe dominara o corpo, um suor frio lhe banhava o rosto, aproximava-se involuntariamente. Era Deus ou satanaz que o guiava?!

D. Luiza apertou a dextra do cavalleiro, reconhecendo a sua alma elevada, mas não pronunciou uma só palavra.

Elle continuou:

— Dae-me pois licença, senhora, de apresentar a vosso pae todo o sentimento do vosso coração, de pedir, de instar pela vossa ventura, para que sejaes tão feliz ao lado d'esse homem, como eu não posso fazer-vos.

— Impossível! dizia a desgraçada, e ao longe ou o ecco ou outra voz repetia igualmente: — Impossível!

— Como?

— Amei um homem... nada posso calar, bradou ella, dominada d'um poder immenso ao qual cedia; que eu cri generoso e leal, e que ainda creio, mas o mundo ligou a deshonra ao seu nome...

— Amastel-o, deve ser bom; a justiça o cobrirá de honras.

— A justiça, disse ella, aponta-lhe para o cadafalso!

— Ah! disse o cavalleiro horrorizado, calae o seu nome.

— Se o dissesse, despresar-me-hieis, e meu pae legar-me-hia a sua maldição!

— Então, diz D. Carlos com pressa, não o pronuncieis, porque eu não quero mais do que amar-vos.

A filha do poderoso senhor, oppressa, e curvada debaixo de tamanha cruz, passou a mão pela fronte; no seu coração ainda existia um peso immenso, a sua alma retinha ainda um segredo que não lhe cabia no espirito, mas era força dizer tudo, conquistar pelo desespero um amigo que podesse protegel-a; e D. Luiza fallou ainda:

— Cavalleiro, ainda não comprehendeis tudo; é força que me acolha á protecção d'um bravo e d'um generoso campeão; esse sois vós. Sabei, ah! e como é custoso contar culpas que se creram innocentes! Sabei que quando engrandeço ao Senhor pela honra de meu pae, quando lhe peço pelos seus dias, peço igualmente pela ventura do filho que Deus depositou em meu seio.

— Compreheendo tudo, exclama em furia D. Carlos; logo esse homem era um infame seductor!

— Não era! bradou a voz d'um homem que saía do meio da floresta; era a força do destino!

D. Carlos pegou na espingarda que depozera ao lado e apontou-a ao imprudente que chegara; mas esse adversario caiu de joelhos aos seus pés, e D. Carlos não sabia assassinar. Mal podia a amante de Paulino ver tudo isto, porque o som da voz que retumbara, a fizera cair sem accordo sobre os troncos enramados d'arbustos junto dos quaes ella se achava.

— Podeis matar-me, cavalleiro, dizia Paulino cruzando as mãos sobre o peito, que não erguerei eu contra vós nem espada nem pistola. Não ha mais do que um homem que tenha soffrido todo o amargor das desgraças reunidas: sou eu só a quem Deus quiz opprimir.

E já D. Carlos depozera a arma, e olhava attentamente o homem que tinha a seus pés, que continuava:

— Ha quinze annos que nem uma noite tive um sono tranquillo, nem um dia um pensamento socegado. A ausencia d'um mundo que me repelliu, a morte d'um pae que amava, e a ausencia d'um irmão que me despreza, e que n'este instante me olhea mais do que nunca, foram as dôres maiores da minha vida!

— O vosso nome?

— Não o sabeis já? Quem pode ser tão miseravel e tão desgraçado senão...?

— Basta, clamou D. Carlos, erguei-vos!

E custando-lhe a crer que tinha defronte de si o filho de seu pae, mas reconhecendo nas suas desditas, e na sua fronte as provas formaes de tal desdouro, sacudiu os pensamentos de vingança, sentiu que uma luz divina lhe allumiava a alma, e continuou para D. Luiza, que começou emfim a cobrar os sentidos que perdera:

— Senhora, quereis dar um pae a vosso filho?

— Que dizeis? disseram ao mesmo tempo Luiza e Paulino.

— Digo, continuou D. Carlos, que vim ao mundo para instrumento de justiça, como tu, desgraçado, para instrumento de vingança. Cumpre-te destruir, e a mim edificar. O peso d'esse crime será meu e não do mundo. Vós, senhora, não podeis morrer; seria maior crime ainda. Amo-vos. Deveis fugir para sempre e esquecer-nos, dizia elle a Paulino que se erguera no momento em que D. Carlos pronunciara a sua vontade: o meu nome, dizia ainda o cavalleiro, substituirá o vosso; juro que se-reis venturosa; não é unicamente o amor que dá a felicidade, a gratidão também alenta a vida.

— Santa Virgem, dizia a culpada, é de tal modo estranho o vosso pensar, que eu sinto perder-me em tal abysmo.

— Recusaeis?!

Paulino apertou momentaneamente as mãos de D. Luiza, e voltando-se para D. Carlos clamou, reprimindo as lagrimas que pelos olhos lhe fugiam do coração:

— Mulher, foi destino cruel, curvemose a frente; Deus, que está acima das nossas cabeças, assim o quiz. Sois vós, ainda vós que vindes consolar as desditas nascidas pelos crimes que pratiquei no meu delirio. Sede o pae do meu filho. Ah! como é tremenda a sorte que o Senhor me faz correr!

E a alma partia-se-lhe de magoa, e queria fugir e não podia; caiu aos pés de D. Luiza, e beijava-lhe louco e perdido as mãos que ella nem sequer podia tirar d'entre as suas; erguia-se depois abrindo os braços para apertar junto ao coração o salvador de mais do que da sua vida, mas parou exclamando:

— Não ligue Deus um novo crime á nova honra!

E fugiu por entre a ramagem.

D. Carlos não pronunciou uma só palavra; não cortou D. Luiza o silencio que reinava; e apoiada ao brago do seu prometido esposo, buscaram o seu pagem Lucio, montaram e partiram para o palacio em que D. Ramiro os esperava já.

Elles eram bem felizes!

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

IMPRESSÕES D'UMA VIAGEM.

Continuação.

V

— Essa Mathilde por fim sempre casa? disse um dos circunstantes, abrindo desmedidamente a bocca.

— Não, mata-se, respondeu outro que tinha escutado tudo sem pestanejar.

— Crês isso, minha fabrica ambulante de sentimentalismo da primeira sorte, redarguiu um terceiro, que era sceptico como um philosopho do seculo dezoito.

— Yes respondeu um inglez que não tinha entendido palavra, mas que não costumava deitar-se sem fazer o gasto de tres d'estas affirmativas.

— O resto, a continuação, pediram todos a sir John, que tinha aproveitado este intervallo lucido, para pedir ao criado uma taça com cognac, agua quente e assucar e que elle mesmo adubava cuidadosamente de canella e *noz moscada*.

— Vou abrir capitulo, disse o inglez apagando as labaredas furta-côres da deliciosa bebida, e enchendo os copos que tinha defronte.

Nós principiámos a elogiar-o pelo seu duplo talento de historiador e copeiro.

Sir John acendeu voluptuosamente o segundo charuto e proseguiu.

VI

«Vamos entrar no perfumado mez d'abril. Mathilde está no campo, n'um dos sitios mais pittorescos dos arrabaldes da cidade, pallida como um lyrio, e fresca como a corrente que o rega. Eugenio com praça assente na marinha, e decidido a partir, seja para onde fôr, no primeiro navio que se fizer de vela.

«É facil de explicar esta repentina mudança. O manco não tinha visto nunca os olhos azues, ea encantada figura de sua prima, senão n'essa noite de baile em que nós acabamos de a ver agora. Não se admirem d'isto; o amor tem estas extravagancias. Occulta-se ás vezes por modo tal na alma d'um pobre homem, que decorre largo tempo sem que elle o conheça. Apodera-se-lhe então traçoavelmente da vida, toma forças disfarçado n'outro sentimento, e chega um dia, uma hora, em que lhe descobre todo o poder que já tem em si.

«Foi isto o que aconteceu a Eugenio. Esse affecto de irmão que sentia em creança por ella, variava insensivelmente com a idade, e dormia-lhe no fundo da alma sem que elle o percebesse. Assim que o primeiro sopro da paixão o sacudira, agitou-se, revolvendo energico e violento todos os poderes do coração.

«Que lhe restava senão desaparecer, para que o seu orgulho não soffresse diante d'um rival parvo, mas vencedor!

«Não me heide esquecer nunca da expressão solem-



ne que tinha aquelle rosto, unguido pela dôr, no momento em que me separei d'elle. Quando me disse que em breve nos tornariamos a ver, bailaram-lhe nos olhos negros duas lagrimas, e esvoaçou-lhe pelos labios um sorriso de duvida.

«Eugenio foi despedir-se de Mathilde na vespera da partida.

«Era ao cair d'uma d'essas tardes de abril, perfumadas e serenas, em que o ceo desassombrado de Portugal se espelha nas aguas transparentes do Tejo; em que a brisa fresca refrigera o sangue e alenta a vida; em que o encantado aspecto da natureza anima no coração d'uns uma esperança, e acorda no de outros uma saudade.

«Mathilde passeava a essa hora junto do muro da quinta que deitava sobre a estrada real. Fôra ali, n'aquella casa, que Eugenio tinha passado a sua infancia com ella. Quantas vezes a tomara nos braços e a levava a correr por aquelles campos!... Não havia uma pedra, um tronco de arvore, um monte de relva, que não devesse trazer-lhe á lembrança esses dias que tinham corrido tão felizes, tão descuidados como correm sempre os primeiros da vida.

«De repente sentiu na estrada o rapido galope d'um cavallo; olhou e viu Eugenio que passava. D'ali a um momento a imprescriptivel sineta tangia duas vezes annunciando uma visita.

«O mancebo atravessou as salas sem encontrar ninguém. Levado da antiga intimidade, dirigiu-se ao jardim. Chegou a ella, e disse-lhe.—Eu parto amanhã para a Africa; vinha receber as ordens do tio visconde, e dizer-lhe adeus, Mathilde.

«Ella quiz articular algumas palavras, mas a voz sufocou-se-lhe na garganta. Elle não deu por isso; a dôr absorvera-lhe o pensamento n'uma idéa só. Saiu com passo firme, montou a cavallo, e desapareceu a galope.

«A pouca distancia encontrou uma carruagem, e no perpassar rapido conheceu o visconde, que trazia á direita o noivo de sua filha.

«No dia seguinte, eram cinco da tarde, transpunha a barra, de bolina larga, o brigue de guerra portuguez L. T., no rumo de Loanda.

«Se algumas lagrimas caíram dos olhos a Eugenio, seccou-as o norte que soprava fresco. Os seus companheiros viram-n'o sempre calado, tranqullo e indifferente.

«N'essa noite, quando o visconde chegou a casa, veiu dizer-lhe uma criada que sua filha tinha passado mal, e não tencionava sair do quarto. Elle correu immediatamente a vel-a. Encontrou-a pallida, com os cabellos em desórden e as faces banhadas de lagrimas. Tomou-a nos braços, e perguntou-lhe com anciedade o que lhe havia acontecido. Foram baldadas as supplicas e exigencias. Mathilde não respondeu.

«Um mez depois, juntavam-se em conselho as *lias* em casa d'uma certa *marqueza*. Ella tinha declarado que não casava. Dizia que seu pae não tinha consultado a sua vontade a tal respeito nunca, e que além d'isso, não podia ver o homem que lhe destinavam.

«Não ha duvida que Mathilde amava loucamente a Eugenio; mas então porque o deixara partir assim, sem uma palavra de affecto, sem uma lagrima que atraçoasse n'aquelle instante a amargura que a devorava? E como foi ella a propria, que com uma ingenuidade quasi infantil, lhe confiou os projectos de que seu pae lhe fallara indirectamente, e sem denunciar a mais leve idéa de se revoltar contra elles?

«É porque era mulher, e as mulheres por mais inexperientes, por mais candidas que sejam, são muito difficéis de comprehender.

«Aquella natureza debil e extremamente impressionavel, não pôde resistir á dôr, e ás crueis exigencias com que seu pae continuamente a affligia: caiu gravemente enferma.

«O visconde, a quem eu tinha feito por acaso um importante serviço, tratava-me com particular distincção. Aproveitei-me d'ella para frequentar com intimidade a sua casa. Queria ver se podia salvar assim a po-



Ilha Terceira.

bre creança, chegar um dia a ver felizes aquelles dois entes, se porventura Eugenio escapasse á sua fatal viagem.

«Sabem que eu tive a mania de estudar medicina. O visconde pediu-me como amigo que velasse por sua filha. Com effeito, pode-se dizer que fui exclusivamente o seu medico assistente; e consegui n'alguns dias de assiduos cuidados, restabelece-la da febre violentissima que a pozera em grave risco de vida. Prohibi expressamente o visconde de lhe fallar em coisa que podesse affligil-a, ainda que de leve.

«Servi-me da minha autoridade de doutor; o pae obedeceu-me cegamente, porque adorava a filha.

«Do mal physico estava ella quasi totalmente restabelecida; tratava-se agora do moral. Confesso que pensei muito no modo porque havia de principiar o meu recetuario. Uma tarde (no dia seguinte a ter recebido a primeira carta de Eugenio) montei a cavallo, e fui visitar a minha *convalescente*.

O mancebo escrevia-me debaixo d'uma tal desordem de espirito, que mal se podia encontrar ligação nas suas palavras.

«Comtudo eu tinha esperança; confiava na primeira carta minha que já deveria ter na mão.

Continua.

BULHÃO PATO.

### ILHA TERCEIRA.

A ilha Terceira, que o nosso desenho representa, uma das mais importantes do archipelago dos Açores, está situada a lesnordeste, e tem, segundo boas opiniões, treze leguas de comprida e seis de larga.

De origem volcanica, é muito sujeita a tremores de terra. Não obstante, é fértil a tal ponto que produz e ex-

porta em grande abundancia fructas, vinho, cereaes e legumes, não só para as outras ilhas, mas tambem para o continente. Estes constituem a principal carga de quasi todos os navios que d'ali saem.

Foi seu primeiro donatario, por mercê do infante D. Henrique, Jacome de Bruges.

Aos naturaes da ilha sobra-lhes valentia e coragem. Em 1640 provaram-o exuberantemente. Mas se isso não bastasse, a guerra da successão, uma das nossas mais sangrentas guerras civis, attestaria sem duvida o amor dos terceirenses á liberdade e independencia, e a sua perseverança e dedicacão inexcediveis.

Soffrendo todas as vicissitudes d'uma tal guerra, a ilha Terceira, chamada com propriedade e justiça o baluarte da liberdade, foi como que a capital do Portugal livre!

Foi lá que primeiro se deu o grito entusiastico de liberdade! Foi ali que se organizou a resistencia ás forças inimigas! Foi d'ali finalmente que veiu esse punhado de valentes, que mais tarde venceram um exercito quadruplicado, e ao qual, como portuguezes, não faltava tambem valor e coragem!

Maldizemos as nossas dissensões politicas; lamentamos que o sangue portuguez tenha regado o nosso bello paiz; deploramos os resultados tristes e acerbos que se tem colhido de cada uma das revoluções

que temos atravessado; mas isso não pode fazer-nos esquecer de pagar a devida homenagem ao valor, á dedicacão, e ao civismo.

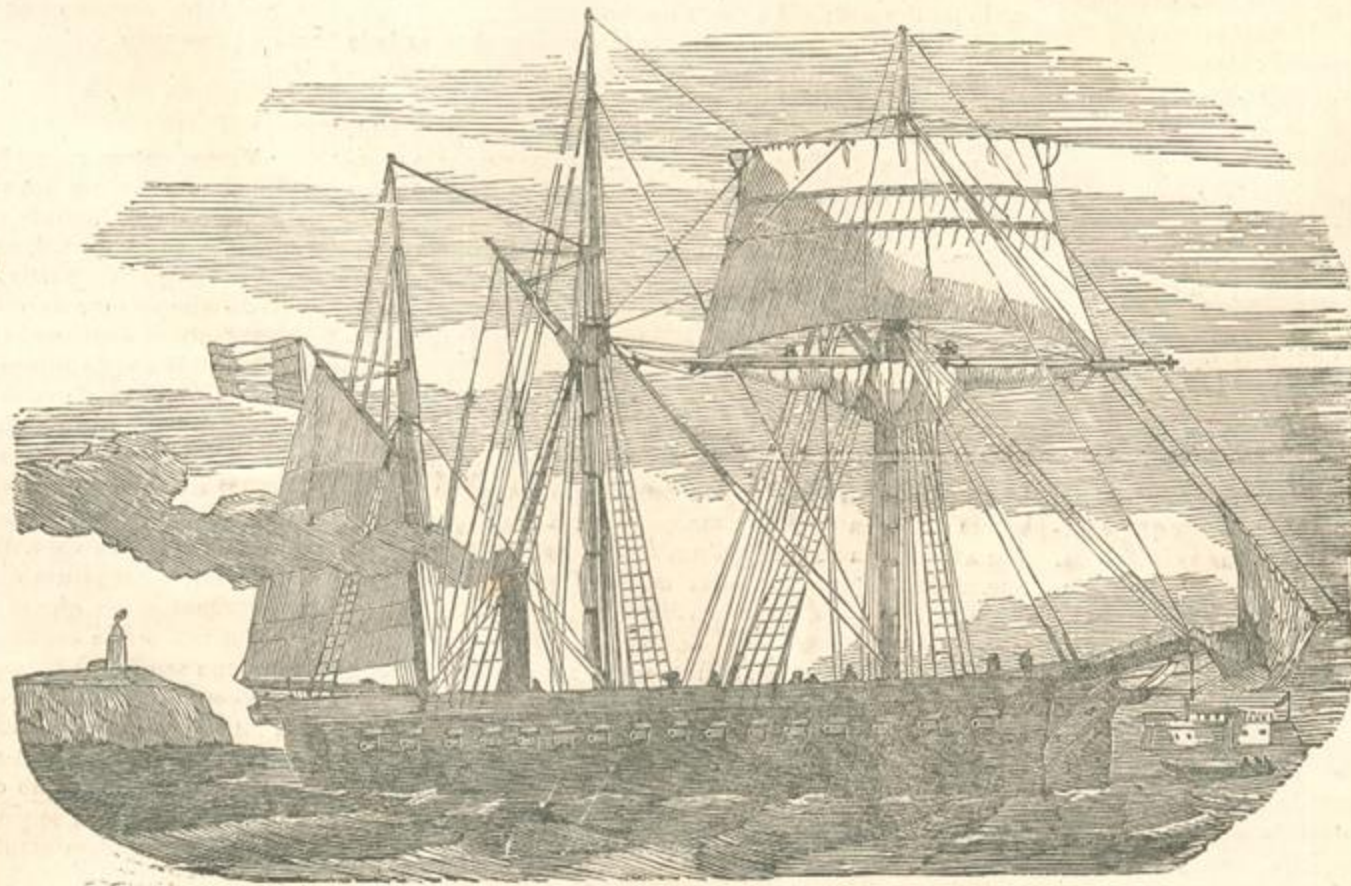
### BATERIAS FLUCTUANTES.

Diversos foram os aperfeiçoamentos que recebeu o material de guerra durante a ultima luta que teve logar entre a Russia e as potencias occidentaes; um dos mais importantes foi a construcção das baterias fluctuantes.

A primeira campanha feita pelas esquadras franceza e ingleza nos mares Negro e Baltico, mostrou a necessidade de crear um novo meio de ataque contra as grandes fortalezas russas n'estas paragens: porquanto as magnificas esquadras das potencias occidentaes, pelas circunstancias particulares em que se achavam as fortalezas, não podiam lutar com estas vantajosamente, porque era arriscar um grande numero de vasos bem equipados e que tinham custado milhões ao estado, contra muralhas cujo material e guarnição eram inferiores; além de que, os effeitos dos navios contra fortificacões menos vulneraveis que elles são menores; assim os projectis ócos de grande calibre lançados pela artilheria Paixhan, com pequena inclinacão, penetrando no costado dos navios abaixo do plano de fluctuacão, fazem rombos difficéis de reparar, em quanto que a acção d'estes projectis contra as muralhas de cantaria é quasi nulla; para produzir um effeito prompto e decisivo sobre as fortificacões, era preciso empregar as balas massiças e a pequena distancia, para o que se tornava necessario que os navios se podessem aproximar, o que não podiam fazer com vantagem.

Taes foram as razões que motivaram a nota de Napoleão III ao ministro da marinha ordenando aos almirantes

o não engajarem imprudentemente as suas esquadras; ao mesmo tempo tratava-se em Franca de crear um novo meio de ataque, uma especie de esquadra de sitio, que, podendo aproximar-se das fortificacões sem soffrer demasiado, armada com bocas de fogo de grande calibre, podesse ter acção decisiva sobre ellas. Como meio que resguardasse as embarcações da acção dos projectis ócos havia o ferro; fizeram-se para isso experiencias em Vincennes; uma muralha de madeira coberta de ferro representava um navio; bocas de fogo de grande calibre se estabeleceram a pequena distancia, e os seus tiros permittiram determinar as dimensões da armadura de modo que não carregasse muito o navio e resistisse ao mesmo tempo aos projectis ócos: as experiencias mostraram que taes armaduras não só resistiam aos projectis ócos, mas tambem aos massiços:



Bateria fluctuante.



em resultado d'isto construíram-se embarcações com o nome de baterias fluctuantes, cobertas de chapa de ferro, com uma coberta para a artilheria; tendo pequena altura abaixo e acima do plano de fluctuação. Em taes navios as qualidades nauticas foram sacrificadas ás bellicas, como devia ser attendendo ao fim a que se destinavam; tem uma mastreação simples e facil de tirar no caso de necessidade; uma machina de vapor lhe permite o mudarem durante o ataque facilmente de posição; são armadas com peças de calibre 68. As experiencias foram completamente confirmadas pelos resultados do ataque da fortaleza de Kinburn que se rendeu depois de cinco horas de fogo.

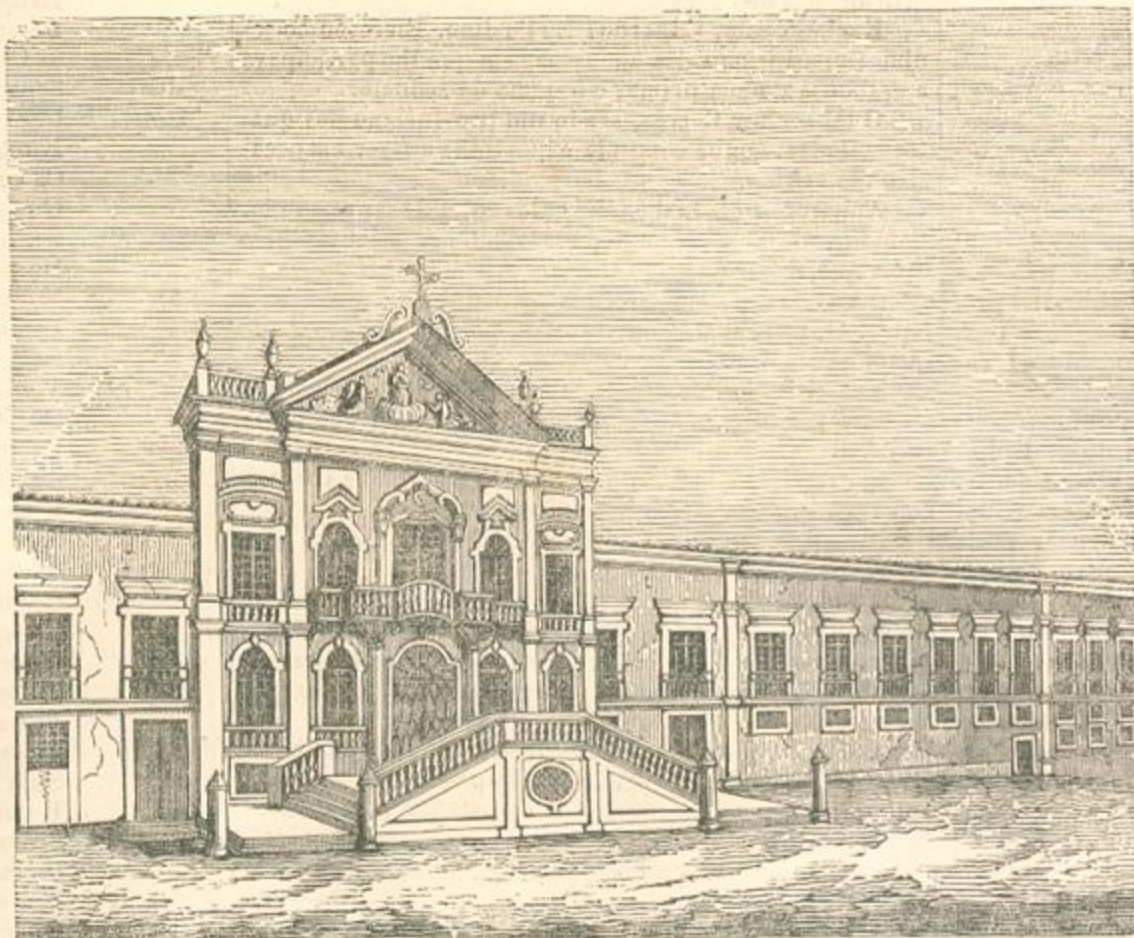
F. F. BENEVIDES.

#### EXCELMANS.

Rémy-José-Isidoro-Excellmans nasceu em Bär-sur-Ornain (Meuse) a 13 de novembro 1775. Sentando praça voluntario em 1791, era alferes em 1796, tenente em 1797, ajudante de campo do general Eblé em 1798, capitão em 1799, ajudante de campo do general Murat em 1801, chefe de esquadrão em 1803, coronel em 1805, general de brigada em 1807, e general de divisão em 1812.

Excellmans distinguin-se particularmente na batalha d'Andrina, era tenente; no combate de Wertingen, sendo capitão; e mais tarde, quando era chefe d'esquadrão, na famosa batalha d'Austerlitz. Depois d'ella, foi nomeado coronel em premio da sua brilhante coragem.

Na campanha da Prussia, sempre na frente, Excellmans foi dos primeiros que entrou na Polonia, e apoderou-se de Posen. Distinguin-se em Eylau, e recebeu, logo depois d'esta acção, a patente de general de brigada. Enviado a Hespanha em 1808, foi prisioneiro dos inglezes, e detido em Inglaterra até 1811. Tendo voltado, Napoleão o empregou na campanha da Russia, onde se fez notar na qualidade de general de divisão.



O paço da Bemposta.

Durante a campanha de França, succedeu ao commando do segundo corpo de cavallaria ao general Sebastiani, e fez prodigios de valor em Craone, em Fère-Champenoise, em Planchy, e em Arcis-sur-Aube. Foi dos ultimos que embainhou a espada em 1814, e 1815.

De volta da ilha d'Elba, Napoleão tinha-lhe confiado o commando em chefe do segundo corpo de cavallaria do exercito do norte. Este, ás ordens de Grouchy, não tomou parte, infelizmente, na batalha de Waterloo.

Entretanto Excellmans tinha conduzido a sua divisão até aos muros de Paris. Acontando em Montrouge, sou-

be que o inimigo occupava Versailles com 1500 cavallos. Immediatamente concebe o plano de o surprehender. Mas, principiando a marcha, encontra uma forte columna prussiana na altura do bosque de Verrières; carrega-a, bate-a, e persegue-a d'espada nos rins até além de Versailles. Ultimo e heroico protesto do valor francez contra a occupação estrangeira. Dois regimentos de hussards prussianos foram ali completamente aniquilados.

Excellmans foi proscripto em 1816, e por muito tempo se conservou desterrado. Depois de 1830, a monarchia de julho o reintegrou nos seus postos e dignidades. Vinte annos mais tarde, depois da revolução de fevereiro, foi nomeado grã-chancellor da Legião de Honra em 1849, e marechal de França em 1851.

Morreu d'uma queda junto á ponte de Sèvres, indo a cavallo, no dia 23 de julho de 1852.

#### VEM-TE EMBORA.

Havia em Londres uma associação de pintores denominada *Painters in-water colours*, dos que pintam com as tintas diluidas em agua de gomma; esta ficou sendo *velha*, porque se creou ultimamente outra *nova* sociedade no mesmo genero e com igual nome, e que apresentou na exposição que fizeram em junho passado obras

de bastante merecimento. O desenho que reproduzimos é copia de um dos quadros com que contribuiu o secretario mr. Jenkins, intitulado-o pela acção que representa: — *Vem-te embora*. A trepidação da creança passando a agua sobre penedos irregulares, apoz a mãe carregada com o feixe de junco, e que a chama, a expressão de receio vencida pelo desejo de seguir ávante estão excellentemente manifestadas no rosto e attitudes d'esta pequena figura. O todo do painel é igualmente bem concebido e desenhado; o que não pode reproduzir a nossa gravura é o colorido que dizem ser magnifico e apropriado.



Vem-te embora.



## POBRE LUIZA!

ROMANCE CONTEMPORANEO.

## III

## A ORGIA.

Continuação.

É um doutor de provincia. Enfastiado já da mulher, que, segundo o que me disseram, é horrivelmente feia, e das caretas que os filhos faziam a pedir-lhe pão, agarrou em um bello dia na trouxa, e poz-se ao fresco. Veiu para Lisboa. Ora tu sabes bem como isto é? Tomando-se-lhe o gosto vae tudo pela agua abaixo.

—O meu amigo ao principio tratou só de se divertir; depois, como o dinheiro nem sempre dura, isto é, achando-se quasi reduzido á ultima, começou a jogar. A fortuna foi-lhe propicia. No tyrocínio é sempre assim. Depois veiu a má sorte. O homem empenhou-se. Comtudo não abandonou o jogo; umas vezes perde, outras ganha. Por fim, para esquecer a sua magoa e o desgosto profundo que sente pela vida, tratou de alcançar a affeição da bella que vês sentada junto d'elle! Conseguiu-o facilmente como podes imaginar. Ella é uma pobre rapariga. O barão de Poiars, com quem ultimamente tem estado, dá-lhe uma pensão que se pode chamar boa. Elisa, (assim se chama ella) que anda doida d'amores pelo nosso doutor, não abriu outro dia a porta ao barão, e, em consequencia d'esta desfeita, creio que este lhe suspenderá a mesada.

E o rapaz, olha, continuou elle, o que está jogando e com um magnifico charuto havano na bocca? Mal pensas quem elle é. Pois eu t'o digo. Aquelle menino que vês é um grande patusco. Metteu na cabeça ao pae, honrado lavrador do Ribatejo, que seria bom vir estudar para Lisboa, na polytechnica por exemplo. O pobre do homem, cujo ultimo desejo era que o filho fosse padre, combateu a vontade do rapaz. Este, porém, resistiu, e, chamando em seu auxilio a valiosa opinião do prior, alcançou que o pae lhe desse uma boa mesada, e eil-o em Lisboa gastando á larga, e sem ter ido uma unica vez á aula. O pae, de vez em quando, vem ver o filho; mas elle, que tem na terra um amigo, recebe sempre aviso alguns dias antes da partida do velho, e este quando chega a casa do filho, em Lisboa, encontra-o sentado á mesa, rodeado de livros, embrulhado em um cobertor, e com cara de quem vae para a aula e volta direito para casa. O bom do lavrador tem perguntado por mais d'uma vez ao filho quaes são os seus lentes. Este, porém, apresenta-lhe sempre a inconveniencia de os procurar trajando um fato tão ordinario. São homens grandes, lhe diz elle. Parece mal fallar-lhes sem gravata ao pescoço. O pobre do homem, cujo rendimento tem n'estes ultimos annos diminuido consideravelmente, recua sempre diante da idéa aterradora de mandar fazer uma casaca. É coisa com que já não posso, pensa elle. E eis aqui como aquelle menino, em quanto o pae guia os bois lá na terra, se vae divertindo por Lisboa.

Espera que ainda não acaba aqui, continuou Barboza. Repara bem, agora, para aquelle velho que está bebendo um copo de *cognac*. Olha como saboreia o licor! Não hade agradar-te menos a sua historia do que as que acabo de contar-te. Tal qual ali o vês, foi caxeiro d'uma boa casa de negocio. O dono d'ella era viuvo e tinha uma filha, que na epoca em que se passaram estes acontecimentos contava apenas dezoito annos d'idade. O que agora é velho tinha então vinte annos, e era, se não bonito, pelo menos de agradável apparencia. Além d'isso decorara o *Secretario dos Amantes* de fio a pavio; tambem não deixava de ser versado nas bellezas da lingua franceza que estudara no *Guia do Viajante*; finalmente não havia phrase que podesse soar bem aos ouvidos d'uma mulher que elle não escrevesse logo no seu *memorandum*. Accrescenta a isto bonitas maneiras, e voz insinuante. Dotado portanto d'estas qualidades apreciaveis para a maior parte das mulheres, e aproveitando-as amplamente para com as freguezas que vinham ao estabelecimento, o joven caxeiro em pouco tempo ganhou entre os seus companheiros a reputação de perigoso galanteador, reputação que lhe grangeou a affeição de muitas mulheres, e principalmente a da menina Eugenia, que assim era o nome da filha do patrão.

Passados alguns mezes já ambos se entendiam mutuamente. As suas relações augmentaram a ponto do estado de Eugenia se tornar verdadeiramente escandaloso. Ao mesmo tempo o negociante annunciava á filha a proxima chegada do primo Pedro Manuel Corrêa, que estava estabelecido na provincia, e com quem tencionava casar-se.

Esta resolução do pae declarou-a Eugenia ao amante, derramando algumas lagrimas d'afflicção, pintando-lhe com as côres mais vivas as difficuldades e espinhos da sua terrivel posição.

O caxeiro socegou-a, jurou pertencer-lhe até á morte, e acabou por pedir-lhe que esperasse mais alguns dias.

A sorte d'Eugenia estava resolvida. O caxeiro era um homem devasso: pertencia a essa classe de entes, consciencias negativamente escrupulosas, para quem não ha crime impossivel quando a cubiça lhes ataca profundamente o coração.

Para satisfazer a sede de dinheiro que o devorava, o caxeiro não duvidara sacrificar a honra da donzella. Fê-la instrumento dos seus planos.

E sabes como, Eduardo? Eu t'o digo. Escreven ao senhor Corrêa uma carta anonyma, em que lhe participava a deshonra de sua prima, e o nome do seductor.

O tal senhor Corrêa, sendo um provinciano dos quatro costados, soube comtudo o que tinha a fazer em occasião tão critica.

Appareceu em Lisboa dois dias antes de ser esperado. Contou tudo ao negociante, e acabou por mostrar-lhe a carta que recebera.

O caxeiro porém tivera a precaução de disfarçar a lettra. O pobre do homem ignorou portanto que fóra elle quem a escrevera.

Não cabe aqui descrever-te a dôr d'aquelle velho, que estremece a filha, e que, vendo-a deshonrada, não podia salvar-a.

Foi terrivel o momento em que a sós com ella lhe lançou em rosto o seu comportamento.

Passemos em claro esta scena de familia. Tenho horror aos lances dramaticos.

O abalo que produziu no infeliz esta catastrophe e a perseverança da filha em casar com o caxeiro levaram-o á sepultura em poucos dias. Mezes depois casaram os dois amantes.

A vida ao principio correu-lhes serena e bella como o regato serpenteando pela relva do prado, ora beijando aqui o seixo que rola do alto da encosta até parar á borda d'agua, ora levando mansamente arrastada a folhinha da arvore que se desprende saudosa do tronco para vir banhar-se na corrente.

Ao caxeiro, porém, não agradava aquelle socego e paz domestica que tanta gente boa por ahí ambiciona.

Uma vida assim é monotona, disse elle um dia; e desde então os visinhos não tornaram a vel-o acompanhar a mulher á missa, nem mettel-a na carruagem, que mandava alugar, quando em S. Carlos estava em scena alguma opera de maior apparato, porque então era certo ter ahí camarote.

A pobre senhora soffreu resignada durante muito tempo aquelle repentino abandono em que a deixara seu marido. Porém a transição repentina da attenciosa delicadeza com que sempre a tratara, para a gelida indifferença que lhe mostrava, por isso mesmo que não era excitada por qualquer acção da sua parte que a justificasse, acabou por pôr termo á existencia d'Eugenia, cujas vontades foram sempre cumpridas desde a mais tenra idade, cuja imaginação fertil em phantasiar prazeres e divertimentos nunca deixou de ser satisfeita. Eugenia morreu e deixou uma filhinha.

As mulheres que amam devéras, com esse amor que mata á primeira desillusão, que escalda, e como que abraza o coração que participa d'elle, difficilmente se enganam nas suas zelosas previsões. Ou possuem força bastante para restituir ao aprisco a ovelha que anda arredia; ou, não podendo alcançal-o, morrem de vergonha, cedendo á dôr extrema que lhes opprime a alma.

Eugenia não se enganara de feito. O marido tinha já arruinado parte da sua fortuna, e, correndo todas as escalas do vicio, acabou aqui e assim, envelhecendo antes de tempo.

A filha actualmente é criada de servir.

Continua.

M. L. CORLEO DE MAGALHÃES.

## BEMFICA.

A lenda singela  
Que venho contar,  
Nos livros do tempo  
A fui encontrar.

Não primo por galas,  
Nem sou trovador,  
Só quiz esta lenda  
Narrar-vos, senhor.

E se por Bemfica,  
Passardes então,  
De Pedro primeiro  
Vos lembre esta acção.

Do triste marido  
Por alma resae:  
A filhos e netos  
A lenda conta.

Que tem a virtude  
Os contos assim,  
De exemplos servirem  
Por seu negro fim.

Nos livros antigos  
Máis outros achei.  
Em trovas mudados  
Um dia os darei.

A.

## I

Lá na baixa vae correndo,  
Por entr' arbustos frondosos,  
—Onde cantam ledas aves  
Seus queixumes maviosos—  
Um ribeiro cristalino!...  
E retrata tão formosos  
Os encantos naturaes,  
Que são olhos duvidosos  
Se, na imagem de taes aguas,  
Ha nos fundos enganosos  
Nova selva, novo bosque!...  
Pelos lados areiosos  
Se debruçam dos salgueiros  
Verdes ramos, tão viçosos,  
Que se pasma ver assim  
Os arbustos portentosos  
Côr d'esp'rança revestidos,  
E na esp'rança porfiosos!  
Tenros vimes das giestas  
Lá tremulam holiçosos  
Ostentando a branca flor!...  
E recendem tão cheirosos  
Os perfumes dos arbustos  
Enlaçados e formosos,  
Pela encosta enfileirados,  
Elevando magestosos  
Suas comas para o ceo,  
E seus braços alterosos  
Suspendendo sobre as aguas  
Onde se miram vaidosos:  
Que de vel-os nunca pasmam  
Quaesquer olhos cubiçosos!

## II

Mais ao longe, onde está posta  
Uma pedra levantada,  
Umás poucas lavadeiras,  
Trazendo a saia enrolada  
Mesmo em volta da cintura,  
A camisa arregaçada,  
E com os pés dentro do rio,  
Quasi já que teem lavada  
Toda a roupa, que traziam....  
Outra pende na chapada  
Do monte, que perto está,  
Pelos troncos pendurada;  
Onde a pouco e pouco o sol  
Dando os raios de prumada  
Enxugou todo estendal...  
Vem a roupa branqueada;  
Dar na vista ao caminhante,  
Figurando alcantilada  
Serrania, toda neve,  
Dando mostras d'invernada!...  
E não é... que vae florida,  
De lindas flores toucada,  
Esta formosa estação,  
De mil côres matizada:  
Porque foi na primavera  
Que esta lenda vae contada.

## III

Por um nada, que não vale  
Para ser altercação,  
Entre duas lavadeiras  
Se levanta a sem-razão  
Com que ambas, á porfia,  
Uma contr'a outra vão...  
Arcam ambas pelo corpo,  
E com furias de leão,  
Já depois de se arranharem,  
Lançam uma á outra a mão;  
E seguras pelas grenhas  
Vão rojar ambas no chão,  
Entre as vaías e os apupos  
Qu' as companheiras lhes dão...  
Inda ali, mui bem filadas,  
Continua o repellão;  
E se pouco foram unhas,  
Os dentes, falsos não são...  
Eil-as outra vez erguidas,  
A travar de novo a acção;  
Com as linguas aguçadas,  
Vão frir-se no coração  
Com taes nomes, com taes vozes,  
Que parecem maldição!...  
Uma d'ellas diz á outra  
Pragas mil, sem compaixão:  
Mas a outra não se cala,  
E nas iras da paixão,  
Vil forçada, lhe chamando,  
Lança tudo em confusão.

## IV

Acertou passar ali  
Um donoso cavalleiro,  
Vem garboso, vem gentil,  
É de todos o primeiro.



Logo apoz o vem seguindo,  
Lá pelo desfiladeiro,  
Tambem outros de cavallo.  
Os peões em derradeiro  
Vem fechando aquella marcha.  
Todos dizem que o Monteiro  
Vem de volta da caçada.  
E parece verdadeiro  
Que assim fosse, pois signaes  
Ali dava o trombeteiro  
De voltar já da tapada  
O rei Dom Pedro primeiro,  
E d'então appellidado,  
Pelo povo — o justiceiro,  
Pelos nobres — o cruel !...  
Escutando tal berreiro,  
Descomposta vozearia,  
O doesto, todo inteiro,  
Nos ouvidos foi soar-lhe.  
E buscando o verdadeiro  
Fim, que na palavra houvesse,  
Pára junto do ribeiro  
O corcel em que montava ;  
E com gesto sobranceiro  
Chama ali as lavadeiras ;  
E do caso do soalheiro  
Lhes demanda, qual motivo  
D'este insulto tão grosseiro !

## V

Uma treme de confusa,  
E não sabe levantar  
Olhos para o senhor rei.  
Outra não pode fallar,  
Porque treme do castigo  
De tão solta badalar...  
Acercou-se toda a gente  
Para o caso ouvir contar ;  
Mas debalde porque as linguas,  
Antes promptas em gritar,  
Tão presas agora estão  
Que se não querem soltar !...  
Manda o rei ind'outra vez,  
Porque mais não quer esperar.  
Os olhos da doestada  
Eis emfim a anuviar ;  
E seu pranto deslizando,  
Vae em fio o ebão regar.  
— «É verdade, rei senhor,  
Que mui antes de casar,  
Fui forçada; mas depois  
Elle mesmo me foi dar,  
A conselhos do prior,  
Sua fé junto ao altar:  
Assim vedes, meu bom rei.  
Que foi prompto no pagar... »  
— «Sim que foi; mas co'a justiça  
Tem as contas por saldar ;  
E quem força uma donzella,  
Tem na forca de penar.  
Determina a lei do reino,  
Não a posso quebrantar... »  
E chamando um homem d'armas  
Manda o marido buscar.

## VI

Era o rei tão justiceiro,  
E da lei tão guardador,  
Que os encontros não soffria,  
Nem do mais nobre senhor.  
E, por isso, dos prelados,  
Sempre em guerra com primor,  
Mil poderes lhes cortou:  
E dos nobres, com vigor,  
Enfreou tanto a ousadia,  
Que um castigo de rigor  
Deu, a certo lá da corte,  
Que por galas de primor  
Cortou arcos d'uma pipa,  
Ao villão trabalhador  
No mester de tanoeiro.  
E por ser mantenedor  
Da justiça do seu povo,  
D'elle tinha o seu amor.

## VII

Debulhada em triste pranto  
A mulher, pede o perdão:  
Mas debalde, porque o rei,  
Se lh'o manda o coração,  
Não lh'o deixa a lettra impressa  
No livro da ordenação...  
Chega o triste do marido,  
Faz expressa confissão;  
Mas remida do castigo  
Julga já tão negra acção.  
— «Não assim, lhe diz o rei,  
Porque a força da tração  
Que fizeste a essa mulher,

É por sua condição  
Castigada pela lei... »  
E voltado ao capellão,  
Ali manda seja ouvido  
O marido em confissão ;  
Pois o corpo vae penar.  
A duas varas do chão,  
Pendurado n'um dos troncos  
Que tão bastos ali são.  
Era uso d'este rei,  
Para prompta expedição,  
Trazer consigo o carrasco,  
À guisa de cortêsão,  
E mais gentes de justiça,  
Com que provia á prisão,  
À sentença, e ao castigo,  
Logo mesmo apoz d'acção

## VIII

Segue o rei na cavalgada.  
E já tendo um pouco andado,  
Os olhos volve p'ra traz ;  
E nos ares pendurado,  
Vê, n'um tronco baloiçando,  
O mesquinho condemnado...  
Dom Pedro disse: «bem fica.»  
E Bemfica foi chamado,  
Desde então, o logarejo  
Onde o caso foi passado.

Agosto 24, 1856.

## CONSTANCIA DE JESUITA.

## I

Nada ha para despertar gratas sensações, em coração onde pulse o amor da patria, como as boas memorias da antiga gloria portugueza. Fallar de nossas aventuras guerreiras, e maritimas empresas, é crear n'alma, e acordar em peitos lusitanos sentimentos de requintada e encantadora poesia.

Quando mesmo, nem o estrondo do canhão ou retinir d'armas em campos de batalha; — nem o trafego do apercebimento das frotas; — nem o perigo de navegações tormentosas, com passo incerto por mares desconhecidos; — nem a inclemencia da descoberta de novas terras e novos climas; — nem os combates da civilização e da fé, guerreando barbaros e idolatras; quando tudo isto não rescenda essa victoriosa fragancia, que fez do poder e nome portuguez um mytho, uma divindade, em cujas aras a Europa inteira teve de queimar incensos, e mau-grado bom-grado ajoelhar reverente: quando taes memorias não tendam mais, que a fallar do coração, e dos episodios que a furto, na terra ou no mar, em meio de tão estrondosos successos, as paixões preparavam; ainda assim ao recompol-as na phantasia se lhes acha desusado interesse e animação.

Como esses tempos, que já foram, estão eternamente timbrados com o favor de brilhantes feitos e lisonjeiras recordações; escorrega este seculo de desditas para o abysmo talvez do olvido, condemnado pelas fezes das ambições, e dos odios, e das intrigas, e das guerras, que, com menos gloria do que podiam, se propõem o exterminio da humanidade, acendendo vicios e immoralidades, que de barbaros podem ganhar-nos o epitheto no porvir.

Prosa e da mais baixa, se a quereis, ás mãos cheias vol-a darão as aventuras contemporaneas. Por derradeira dita só temos a mina poetica dos successos do passado, menos fallador, mas de obras de mais duradoira architectura.

É por isso que ha momentos em que nos apraz mais fallar do passado, do que vogar loucamente no mar das inconsequencias do presente!

## II

Era sobre o finar da tarde. O tempo estava sereno.

Muito atraz se funda a acção d'esta breve historia. Discorria o anno do Senhor, 1587, e com elle andavam outros tempos, outras coisas e outros homens.

Que tempos! Eram maus tambem esses tempos, mas ainda as recordações de nossos recentes feitos gloriosos na descoberta e na conquista, podiam servir a temperar com a esperanza a amargura das lagrimas arrancadas pelas perdas d'Alcacer-quivir, e pela infausta e impolitica oppressão de Castella, que jogava aos dados da cubice e deslealdade, a nossa escravidão e a sua tyrannia recrescente!

Que coisas as d'então! Se o espirito d'ellas, animado por tão geraes exemplos, assumisse outras formas, e tomasse outra direcção, que de beneficios se não gosariam ainda hoje, em resultado d'esse esforço edificante, que como o arco iris, reluzindo pelo rosado clarão de sol nascente, depois d'um orvalho matutino, leva pés da terra para sumir-se n'essa esplendida concavidade dos ceos!

Que homens, que gerações as do tempo classico dos brios portuguezes! Fallar d'elles e d'ellas, em que tanto houve que admirar, dá vontade a crear enojos do presente, desatar em pranto, e tomar rigorosa disciplina, que

traga sempre á lembrança de que, alma que a este mundo bem fadada viesse, deve, para preservar-se, concluir com os mundanarios, espelhos do mundo actual, causa de divorcio, mantendo-a firme e inteira até ao fim dos fins.

Como tantos d'esses homens, tão nobres na independencia e na verdade (que são as mais puras fontes da nobreza) sabiam a medicina moral, que escudava illesas e sem mancha as briosas virtudes guerreiras; e que tanta caridade mantinha; tanto bálsamo para o coração, que se definhava á força de dóres, vertia; tanta contricção d'almas, que se despediam do mundo, creava!

Quem nos dera com esses bons tempos, com essas boas coisas, e com esses bons homens! Parecia que a natureza se comprazia então em andar mais afinada pelas proprias leis. É que as coisas eram outras! Não admire, que hoje, com gente tão veleira, nem tempos nem astros vivam em regra!

Mas voltemos ao que mais importa, e de que eramos transviados.

## III

Ao anno 1587 queriamos transportar o leitor.

Tempo antes successo de muita singularidade se dera em Villa Franca do Campo, da ilha de S. Miguel, a maior e mais importante das ilhas dos Açores. Pefronilha da Motla, e Maria dos Anjos, abandonando os lares paternos fugiam para a vida contemplativa. Na calada da noite, acompanhadas de quatro jovens irmãs, eil-as que sem temerem nem almas nem duendes, fazem caminho a pé e sósinhas para a ermudinha de Nossa Senhora da Consolação, em Valle-de-Cabaços, a duas leguas da dita villa, contra o poente; e ali se aposentam, prescrevendo-se voluntariamente preceito monastico, e vivendo para Deus. Grades, com que se defendessem não as tinham estas novas amazonas da vida claustral; mas tinham virtude de sobra para dar garrote a quaesquer profanas incursões.

E quem investiu e avassallou jámais uma virtude acrisolada? Ninguem; porque o martyrio antecedeu sempre a victoria.

Nem ferros nem portas reforçadas resguardavam a eremitagem; mas resguardava-a o bom espirito que lá por dentro lhe ia, e a piedade dos curiosos que a fama ali levava com ofertas, para mantença das tão acatadas recolhidas.

E, pois a virtude verdadeira não é de turvo aspecto, succedia ás vezes que, quando em derredor não acordavam passos nem respirar de coisa viva, e tudo revertera á solidão, ao descair da tarde, saiam algumas de nossas eremitas a espaiar pela praia proxima á ermida, que depois foi substituida pela pequena casa conventual da Senhora da Piedade, que a padres congregados pertenceu.

Rocha escarpada e sobranceira fecha d'entorno o porto, que parece separado de toda communicação com o interior da terra. Assim, que tranquillo pascor d'olhos pelo mar que vinha e se escoava incessante no litoral!

Pobres pescadores da proxima villa de Agua-de-Pau, conservavam ali pequeno barco. Que pensaes que occorria na ausencia d'elles? Muitas vezes por innocente pasatempo tambem mãos delicadas e devotas desciam a barquinha ás aguas, e n'ella vogavam quasi á discrição por dentro da pequena bahia, até que o escurecer e refrescar da tarde, o ocase do sol presagio da noite que ás portas vem batendo, ou o toque melancolico da sineta, as chamava de novo á reclusão.

No dia de S. João, quando todas as povoações da ilha sorriam com as galas campestres, com o ledto tanger dos instrumentos, e com os folgares que prazem ao santo de namorados; da solidão eremitica passavam para a recreação do batel duas das jovens recolhidas. Não eram ellas das que, como cabeceiras da reclusão, puderam chamar-se professoras ou priorezas; mas das moças, que mais por espirito de romantica celebridade (que em todos os tempos e logares o houve sempre), mais por este espirito de poesia, que por vocação bem definida, tinham acompanhado á eremitagem aquellas duas mais edosas servas de Deus.

Em quanto a barca deslisava com brando impulso pela pequena abra, as directoras encostadas á barbacã que cobria a trazeira da ermida, vigiavam aquellas meninas de seus olhos, advertindo-as sempre com prudentes conselhos, para que não abusassem da calma e repouso do mar, nem se entranhassem muito n'elle, fugindo a praia, porque n'isso pudera haver perigo irremediavel.

Quereis saber como aquellas novas alminhas, quando pela longitude não receavam as duas escutas, que ao longe as espreitavam, tambem fallavam d'amores? É que esse peccado dos dezoito annos não lh'o absolvía a solidão, que não pôde amortecer-lhes o palpitar do peito, o calor das veias estalando de vida, as recordações dos dias passados, em que na casa paterna bellos olhos dardejando ternura tinham preparado o campo d'aquelles corações para larga sementeira de affectos, e sellado com lagrimas um primeiro, mutuo juramento d'amor.

N'aquelle devançar de mocidade e de paixão, quanta candura não houvera; quantas innocencias não anteviramos; se poderamos adivinhar tudo o que ali e n'outras praticas antecessas se disserra! Que seja assim no tempo d'agora, onde as maldades crescem como cedros do Libano, mesmo em corpos pygmeus e edades juvenis!

Continua.

JOSÉ DE TORRES.



## SOULT.

Havendo inserido no numero vinte oito da *Illustração* os apontamentos biographicos do marechal Soult, damos hoje o seu retrato, que não pudemos publicar acompanhando aquelle trabalho.

## O PAÇO DA BEMPOSTA.

O paço da Bemposta é um edificio acachapado, sem elegancia nem formosura, situado proximo ao campo de Sant'Anna, n'um terreiro chamado vulgarmente a Bemposta, mas cujo verdadeiro nome é — Campo de Santa Barbara.

Foi começado a edificar em 1694 ou 1695, por mandado de D. Catharina, viuva de Carlos II d'Inglaterra. Ignora-se quem foi o architecto que traçou a obra. Mas ella dá perfeita idéa das qualidades scientificas do seu autor. Tratamos do paço.

Quanto á igreja que lhe fica proxima, e faz parte do edificio, apresenta uma tal ou qual elegancia ainda que poderia ser de muito mais gosto.

O unico facto que dá ao paço da Bemposta alguma importancia, é ter servido de residencia a alguns principes, entres os quaes D. João VI que ali falleceu.

Hoje acha-se ahí estabelecida a Escola do Exercito, aproveitando-se assim um edificio que ameaçava ser dentro em pouco um montão de ruinas.

## CHRONICA SEMANAL.

A palavra *moda* é de todas quantas se inventaram até hoje a mais prodigiosa, apesar de terem havido outras de tão pronunciada influencia para agitar paizes, apaixonar espiritos, revolucionar populações, promover crises e derubar ministerios. É verdade que a maior parte d'estas desvaneceram-se subitamente sem deixar o menor traço que as recorde, como uma gota de agua no Oceano, em quanto que a palavra *moda* sobrevive a todas e impera sempre. Nenhuma ainda lhe excede o prestigio nem lhe eclipsou o poder: é a primeira realza da epoca. Mesmo aquelles que pretendem negar-lhe o dominio absoluto, reconhecem-lhe'o mais tarde ou mais cedo. Os mais ferozes detractores tornam-se insensivelmente satellites voluntarios. A raça dos *inflexiveis*, que não era muito numerosa já, extinguiu-a de todo. Não ha profissão de fé que lhe resista, não se levanta opposição que não corrompa. Embora a classe dos apologistas seja limitada, a dos adeptos é immensa. E vamos proval-o.

Dizem, por exemplo, que a concorrência ao theatro francez é procedida pela *moda*. Talvez: não discutimos. O que é facto, porém, é que d'entre os espectadores que frequentam o mesmo theatro, não ha tres duzias que se confessem escravos d'ella, e que ha vinte—duzias—que se declarem seus inimigos, e comtudo a sala enche-se.

Gritavam os velhos que a mocidade fumava por *moda*, sem se lembrarem que a pitada de rapé tambem a isso deveu a sua origem. Pode ser que assim fosse; mas a verdade é que presentemente quasi todos fumam, e interrogados os fumistas estamos convencidos que nenhum deixa de dizer que só o faz por vicio.

Pelo que toca ao vestuario isso então é espantoso. A menor alteração no corte d'uma casaca, no rebuço d'um collete, no padrão d'umas calças, na forma d'um paletot, e no feitio d'um chapeo, causa logo espanto, promove o ridiculo, e chega mesmo ás vezes a excitar indignação. No principio tudo é exagerado, mas no fim d'algum tempo todos usam de eguaes atavios, e para se justificarem allegam uma certa commodidade que lhe descobriram. No bello sexo acontece o mesmo: recordem-se do escandalo que causou a appareição das crinolines e merinaques, e reparem na voga que tiveram depois. Iamos apostar que todas essas senhoras que declamaram contra a *roda*, são hoje as primeiras a acharem sem elegancia uma saia esguia.

Cintra tambem foi por muito tempo apontada como *moda*. Era assim que explicavam a frequencia da sociedade n'aquelle sitio. E o caso é que afinal acabou, como todas as modas acabam, — vulgarisando-se. Não foi preciso effectuar-se o caminho de ferro para Cintra alcançar popularidade.

Eis as noticias exactas que nos acaba de dar um amigo nosso chegado d'ali. Repetiremos singelamente a conversação que tivemos, e que desde logo considerámos um salvatério para o chronista.

— És meu... por meia hora; não te largo.

— Sou teu sempre que te possa prestar em alguma coisa.

— *Trêve de compliments*, e diga-me tudo o que sabe.

— Não é muito, mas esse pouco está ao teu dispor.

— Treguas tambem á modestia e ao espirito: não é d'isso que se trata.

— Então de que se trata? declara primeiro.

— Não é difficil de adivinhar; d'onde vens tu?

— De Cintra.

— Pois é de Cintra que eu quero noticias. Conta-me o que fizeste, e o que fizeram por lá. Fio-me em ti, por excepção. Justifica portanto esta minha confiança.

— Vou satisfazer-te a curiosidade em poucas palavras. Sabes que sempre fui inimigo capital d'isso a que

chamam abundancia de estylo, e que a maior parte das vezes é mingua de idéas. Principiarei descrevendo-te a vida ordinaria do mundo elegante, vida que se renovava diariamente, e que não deixava de apresentar attractivos e offerecer distracção. O primeiro ponto de reunião, de manhã, era o jardim do *Victor*, onde se iam saber noticias de Lisboa, e ouvir as queixas e apprehensões dos aterrados pela colera que se achavam em maioria n'aquelle logar. D'ali passava-se ao *Hôtel Durand*, onde estava hospedada grande parte da *mocidade doirada*: dizia-se bem e mal do proximo, conversava-se com espirito e sem elle, fumava-se, terminando quasi sempre o *cavaco* n'um *cancan* geral em que se registravam os escandalos da vespéra. Partiam depois para os *Pisões*, *Douche ou Regaleira* a buscar debaixo das frondosas arvores de qualquer d'estes sitios abrigo contra as horas de maior calor. Seguiase um intervallo destinado para o jantar. De tarde a reunião geral, a reunião por excellencia era em Sitiaes, ali passeiava-se, conversava-se, intrigava-se, namorava-se, requintavam os *cancans* da manhã e gosava-se finalmente o luar até ás nove horas da noite. Continuava a pôr remate a todos os divertimentos o *Peixe frito* — sem calemburgo.

— Pela tua narração vejo que não havia uma hora espedida no dia.

— Para os namorados havia uma: a do jantar.

— E era muito numerosa a ala dos sobreditos?

— Infinita. O furor de amar parece crescer com os annos. É uma das observações que lá fiz.

— Uma das muitas. Calculo a abundancia da colheita, mas deixemos isso para outra vez e explica-me agora a vida extraordinaria. Hoje só exijo de ti informações, que sejam do dominio do chronista.

— A vida extraordinaria limita-se a pequenas alterações no roteiro marcado, como por exemplo, um *piqué-nique*, uma excursão aos *Capuchos*, uma soirée dos marquezes de Vianna e uma ascensão até á Pena. Lá me esquecia citar-te um dos entretenimentos mais predilectos das senhoras em Cintra: é o telegrapho electrico. Quasi que não pára durante o dia, trabalha a todo o momento para encommendas de crinolines, merinaques, fitas, blondes etc.

Eis aqui a vida de Cintra esboçada singela e ligeiramente por um lapis verdadeiro.



Excelmans.

Passemos agora aos theatros.

No mundo dramatico ha algumas novidades a contar, sendo a primeira d'ellas e a mais notavel o apparecimento em scena d'uma comedia n'um acto no theatro normal! Havia perto de quatro mezes que tal não acontecia. Mais vale tarde do que nunca, diz o rifão, e para sermos justos devemos declarar que em parte alguma é tão bem justificado e exercido como na primeira scena portugueza. A actividade não é a *corda sensivel* d'aquella direcção.

Deixemos porém este assumpto que nos levaria insensivelmente mais longe do que desejamos por que segundo o dito vulgar, palavra puxa palavra, e ensaiemos a analyse da comedia-vaudeville *Um namoro da janella*, imitada livremente do francez por Mendes Leal e recebida pelo publico com bastante applauso.

O merito principal d'esta comedia é incontestavelmente a originalidade da idéa. Limitar uma acção ao estreito quadro de quatro janellas exteriores é uma empresa difficil: torna-se pelo menos necessario que o dialogo seja muito animado e espirituoso para despertar interesse no publico. E é esta effectivamente uma das principaes bellezas do *Namoro da janella*, pois está escripto n'um estylo ligeiro, natural e elegante, que muito contribue para o effeito geral. Os typos tambem estão habilmente desenhados e com feições verdadeiramente portuguezas.

O enredo reduz-se a muito pouco: eil-o aproximadamente. Mas alto; antes de principiar a historia torna-se necessario descrever a scena. Lá vae em forma de rubrica.

O theatro representa a frontaria d'uma casa de esquina de que apenas o espectador vê dois andares, o primeiro de janellas de sacada e o segundo de peitos.

Agora a fabula.

No primeiro andar mora uma tia velha com uma sobrinha rapariga a quem apoquento atrozmente; no segundo mora d'um lado um aspirante de marinha — rapaz — e do outro um escrivão — velho — Ambos elles teem pretensões á sobrinha, com a differença porém que este é protegido pela tia e aquelle adorado pela donzella. Ha proes e contras para os dois, mas a nosso ver os proes do aspirante levam toda a vantagem aos do escrivão. D'esta rivalidade nascem scenas muito comicas, devidas na maioria ás *troças* que o sr. Alcantara soffre continuamente do estudante, com applauso da donzella e manifestação reprovada da tia; a sr.<sup>a</sup> D. Maria do O.

O sr. Alcantara — appellido do escrivão — desespera e jura com os seus botões vingá-lo do mancebo. N'aquella mesma noite o acaso favorece-lhe as intenções; chegando fora de proposito — para o estudante — á janella observa que este desce tranquillamente por uma escada de corda que prendeu á sua janella para a da vizinha e deixando-o verificar o seu projecto, mal o apanha em baixo furta-lhe a sobredita escada. Pode-se facilmente calcular qual seria o desamparamento do estudante!

Era uma d'estas entalações inesperadas e cujos resultados nem sempre são favoraveis. Não tinha senão a appellar para a condescendencia da donzella: era a unica esperança que lhe restava. Teve porém a desdita de a perder bem depressa; a donzella recusou-lhe asylo — por medo da tia, já se sabe. Eis o nosso aspirante reduzido, ou a passar a noite á chuva que caía em torrentes, ou a arriscar um salto, que lhe podia custar, pelo menos, o partir as pernas.

Não param ainda aqui os riscos que corria o nosso namorado, porque o sr. Alcantara, transformado em implacavel Othello, corria n'este intervallo a denunciá-lo como ladrão.

Prevenido da conducta pouco nobre do seu rival, o estudante não vê outro recurso mais do que tentar descer até á rua. Aproveitando-se d'uma taboa que serve para cobrir os vasos de flores, e que foi para elle taboa de salvagem, forma uma pequena ponte apoiando as duas extremidades na borda da janella e no braço do candeeiro de gaz, e, facilitando assim a descida, consegue evadir-se.

Quando chega o sr. Alcantara e os cabos de policia para capturar o phantastico ladrão, não o encontram já, o que proporciona ainda ao escrivão mais outro vexame. No meio do barulho que provoca a discussão entre os beleguins e o denunciante sobre o caso, em que aquelles accusam este ultimo de visionario, vê-se apparecer socegradamente o estudante á janella do seu quarto informando-se da causa que promove similhante algazarra. A cara de desapontado com que fica o sr. Alcantara é facil de suppor. De feio torna-se hediondo. Para cumulo de fatalidade ouve em seguida formular uma proposta de casamento que é cathegoricamente dirigida á tia, não menos assombrada da audacia, do que elle proprio. O primeiro impeto da matrona era previsto e faz recobrar o animo ao sr. Alcantara, e triumpharia de certo na luta se duas palavras pronunciadas ao ouvido da sr.<sup>a</sup> D. Maria do O pelo aspirante, a não obrigassem a dar o dito por não dito e a ceder.

Parece que o estudante não perdeu o tempo em quanto esteve fechado á janella, pois que a falta de distracção lhe despertou a curiosidade, curiosidade que lhe foi bem auspiciosa iniciando-o em certos mysterios caseiros e talvez mesmo escandalosos relativos á sr. D. Maria do O.

Assim termina esta chistosa comedia que tanto applauso tem sabido merecer do publico e cuja vida promete ser longa.

As horas do desempenho couberam á sr.<sup>a</sup> Delfina e ao sr. Sargedas. A rabujenta e ridicula sr.<sup>a</sup> D. Maria do O é mais um typo comico digno de figurar na bella galeria que a distincta actriz nos tem apresentado.

O sr. Sargedas tambem caracterizou com propriedade e talento o personagem do escrivão. São estes, na nossa opinião, os papeis que lhe competem e em que sempre hade distinguir-se mais. Quanto ao sr. Cezar, diremos francamente que não nos agradou. Desejamos ver dar áquelle papel mais vida e animação; tornou-o pesado e monotono.

Fecharemos a chronica publicando o elenco da companhia lyrica de S. Carlos. Prima-dona d'alto cartello, Thereza De Giuli Borsi. — Primas-donas absolutas — Eufrazina Parepa e Bernardi. — Prima-dona absoluta, meio soprano e contralto, Carlota Bodini. — Prima-dona e muzichetto Antonella Mari. — Comprimaria, Felicitá Castellani.

Primeiros tenores absolutos, Neri Baraldi (de cartello) Luiz Saccomano e Vicentelli. — Primeiros barytonos absolutos, Benaventano (de cartello) e Frederico Monari (de cartello) — Basso profundo, Llorens (de cartello.) Corpo de baile, — Primeiro bailarino absoluto e compositor, Hyppolite Montplaisir — Primeiras bailarinas absolutas Carlota Granzini e Palmyra — Alta prima bailarina e supplemento Antonia Hillarioff; primeira e segunda, Hencart. — Primeiras bailarinas da primeira quadrilha, Priora, Loraschi, e Furgoni.

Mais vinte dias e julgaremos.

ERNESTO BIESTER.